

AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO *ALMANAQUE DA PARNAÍBA*

GENDER REPRESENTATIONS IN ALMANAQUE DA PARNAÍBA

Ana Beatriz Araújo de Freitas

Mestranda em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA)¹

Resumo: O objetivo desse trabalho é de analisar a construção dos papéis de gênero no *Almanaque da Parnaíba* por meio de artigos, crônicas e poemas nas décadas de 1940 e 1950. Em um período marcado por intensas transformações na vida econômica e social, esse anuário surge na cidade de Parnaíba/PI com o intuito de noticiar o mundo do comércio, sobretudo, parnaibano. Apresentando inúmeros discursos sobre a cidade e além de trazer diversas regras de etiqueta e civilidade, o *Almanaque da Parnaíba* demonstrava grande preocupação quanto às relações familiares, o casamento e sua manutenção. Assim, nosso intento é de analisar a construção do feminino e masculino por meio desse periódico, buscando interpretar as tensões existentes nas relações mulher-homem.

Palavras-chave: Parnaíba; Almanaque da Parnaíba; Gênero

Abstract: The objective of this work is to analyze the construction of gender roles in *Almanaque da Parnaíba* by means of articles, chronicles and poems in the 1940s and 1950 a period marked by intense transformation economic and social life, this yearbook appeared in the city of Parnaíba/PI with the purpose of reporting the world of commerce, especially parnaiban. Presenting countless speeches about the city and besides bringing several rules of etiquette and civility, the *Almanaque da Parnaíba* showed great concern about family relationships, marriage and its maintenance. Thus, our intention is to analyze the construction of the feminine and masculine through this periodical, seeking to interpret the existing tensions in the woman-man relations.

Key-words: Parnaíba; Almanaque da Parnaíba; Gender

Introdução

A Primeira e, sobretudo, a Segunda Revolução Industrial trouxeram ao mundo transformações dantes nunca vistas. Ademais, não só o surgimento de tecnologias

¹ Bolsista CAPES. E-mail: imanotheyou@hotmail.com.

que facilitavam o dia a dia, tais como o telégrafo, o automóvel, o telefone, o sabão em pó e o fogão a gás, mas também a velocidade com que chegavam aos lares marcam esse contexto. (SEVCENKO, 1998)

Apesar dessas transformações provenientes da Segunda Revolução Industrial (ou Revolução Científico-Tecnológica) terem iniciado após modificarem drasticamente a Europa e os Estados Unidos, ao chegar ao Brasil, em variadas medidas foi possível sentir a chegada do mundo moderno, e muito embora atualmente a tecnologia tenha alcançado novos patamares, “podemos perceber que é dentro dessa configuração histórica ‘moderna’, definida a partir da passagem do século, que encontramos nossa identidade” (SEVCENKO 1998, p.11).

Nesse contexto, o Brasil, entre fins do século XIX e início do XX, passou por transformações profundas. O país aboliu a escravidão, viu emergir os ideais republicanos e o crescimento de diversos centros urbanos, tal como o Rio de Janeiro. A expansão do setor de serviços também representa uma dessas mudanças, que reconhecidamente favoreceu a “extensão da malha ferroviária, entrada de grandes levas de imigrantes e início de um primeiro surto industrial, circunstâncias que, a um só tempo, favoreciam e demandavam a circulação da informação” (LUCA, 2008, p.2).

A República nasce e com ela projetos de modernidade que se chocavam com o mundo rural. Nas duas primeiras décadas do século XX, o Brasil passa a ter:

(...) novos padrões de consumo, instigados por uma nascente mas agressiva onda publicitária, além desse extraordinário dinamismo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais e, por último mas não menos importante, a popularização do cinema. (SEVCENKO, 1998, p.37)

Muito embora essas mudanças representem a entrada do país em um novo tempo, não se deve esquecer dois eventos que demonstram como a República tentava impor “um tempo mais acelerado, impulsionado por novos potenciais energéticos e tecnológicos” (SEVCENKO, 1998, p.27), responsável, portanto, por causar ampla desestabilização na sociedade brasileira.

O primeiro deles é a Revolta de Canudos, entre os anos de 1893 e 1897. Localizado no sertão da Bahia, o povoado foi visto pelas autoridades como um local

repleto de fanáticos religiosos, sob a liderança de Antônio Vicente Mendes Maciel, identificado como um sujeito que pregaria ideias subversivas e que faziam mal não só a região, mas também ao Estado. Por três vezes, Canudos foi bombardeado por tropas militares. Todas vencidas pelo povoado.

Diante da situação, parecia claro que as derrotas militares teriam se dado pela conspiração de Canudos, tendo seu povo taxado como “conspiradores monarquistas, decididos a derrubar o novo regime, mantidos, organizados e fortemente armados a partir do exterior por líderes expatriados do regime imperial”. (SEVCENKO, 1998, p.17)

A quarta e última expedição foi organizada, e diante dela Euclides da Cunha desempenhou o papel de correspondente pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. A partir do contato com o povoado, Cunha escreve sua célebre obra *Os Sertões* (1902), onde deixa evidente que os moradores de Canudos eram simplesmente trabalhadores em condições precárias, sem acesso à educação formal e que se encontravam perdidos no meio de tantas mudanças. (SEVCENKO, 1998) Em termos de organização, Canudos conseguiu atingir o patamar de terceira cidade do Estado da Bahia em população, possuindo características importantes como organização e solidariedade entre os habitantes.

O segundo evento ocorreu no Rio de Janeiro. Capital do país no período, o Rio tinha no início do século passado uma população de aproximadamente de 1 milhão de habitantes. Em condições precárias, parte da população que se constituía em escravos, negros e libertos habitavam os casarões que ficavam no centro, ao redor do porto. (SEVCENKO, 1998)

Amontoados nesses prédios, esses sujeitos viviam em uma péssima infraestrutura, o que representava para as autoridades “uma ameaça permanente à ordem, à segurança e à moralidade públicas”. (SEVCENKO, 1998, p.21) A solução encontrada pelo governo foi proibir os rituais religiosos e as demais manifestações de tradição negra.

Mas não foi a única medida. Considerada a “vitrine do país”, a cidade do Rio de Janeiro deveria ser embelezada e higienizada. Dessa maneira, deveria ser executado um projeto que englobasse o saneamento da urbe, a modernização do porto e reforma urbana. O primeiro passo seria a destruição dos casarões, “porque

bloqueavam o livre fluxo indispensável para a circulação numa cidade moderna". (SEVCENKO, 1998, p.22) Despejados de suas residências, essas pessoas se dirigiram para as encostas dos morros que rodeavam a cidade. Assim nasciam as favelas.

Chamados de cortiços, as novas habitações dessas pessoas ainda representavam um perigo para a ordem sanitária, isso porque diante das condições, doenças como a varíola se proliferavam a todo vapor. A medida resolutória seria então a visitação dos cortiços, onde se invadia as casas com o objetivo de vistoriar o ambiente e vacinar os moradores. Em caso de risco sanitário, o que claramente acometia a todas essas pessoas, o barraco poderia ser demolido. A reação da população foi de protestar contra tamanha tirania, o que ficou conhecido como a Revolta da Vacina. Fortemente reprimidos, em dez dias o movimento foi derrotado.

Após o esvanecimento da revolta, o marco da entrada na modernidade, no Rio de Janeiro foi a inauguração no ano de 1904 da Avenida Central, "eixo do novo projeto urbanístico da cidade, contemplada com um concurso de fachadas que a cercou de um décor arquitetônico *Art nouveau*". (SEVCENKO, 1998, p.26) A grande imprensa incitava a população para o consumo da moda, para os desfiles e para o sabor cosmopolita.

Ou seja, enquanto projeto das elites, fica evidente que a integração de algumas cidades na modernidade não se estendeu a todas e nem ao mesmo tempo, visto que "o relógio global suscitou a hegemonia de discursos técnicos, confiantes em representar a vitória inelutável do progresso e por isso dispostos a fazer valer a modernização 'a qualquer custo'". (SEVCENKO, 1998, p.27) Porém, pode-se inferir que a presença do trem, dos carros, do cinema e do rádio assinalam novas demandas que se configuraram por "outras sensibilidades, subjetividades e formas de convívio social". (LUCA, 2008, p.2)

Isto está correlacionado, por exemplo, com o surgimento de espaços de lazer, novo vestuário e formas de consumo. As mulheres de classes mais ricas, por exemplo, passaram a ser alvos de discursos na imprensa feminina, que vendiam diversas imagens de beleza e requinte. Acrescente-se que o cinema passa a ser porta-voz dessas novas subjetividades, visto que novos modelos de "homem", "mulher" e "juventude" surgem na sétima arte.

Vivenciando ares de modernidade, parte da cidade de Parnaíba saboreia sua “bela época” nas décadas iniciais do século XX. De acordo com Josenias Silva (2012), esse processo levou a cidade a viver um período em que o progresso econômico e material permitiram que essa se tornasse a mais importante do estado.

Eram os novos costumes, valores e roupas que a elite parnaibana desfrutava a partir dos lucros advindos da atividade comercial da cidade, que tinha como pilar o Porto Salgado, aonde chegavam pessoas de outras localidades e mercadorias, e que permitiu o uso intenso do rio Igarçu (um dos braços do Rio Parnaíba), gerando a partir da atividade fluvial, desenvolvimento, crescimento econômico e social para a cidade. (MORAIS, 2017)

A atividade comercial desses anos trouxe não só novos produtos, como também pessoas e seus modos de se comportarem e socializarem em meio ao processo de modernização que Parnaíba vivencia, sendo palco de mudanças...

[...] que permitiam visibilidades em meio aos passeios em praças e avenidas já urbanizadas, acesso à informação e notícias por intermédio das amplificadoras, do rádio e do cinema, sob alguns limites. Traduzia-se um sentido de participação e envolvimento com os novos utensílios significadores de modernidade, embora estes instrumentos, sinalizadores de mudanças produtivas, tenham gerado uma infraestrutura urbana precária. (TOURINHO, 2015, p. 67)

Tal como no Rio de Janeiro, e embora precária e sob limites espaciais, essa urbanização foi responsável pela abertura e dinamização de espaços onde os jovens, por exemplo, poderiam desfrutar do ar livre e realizar suas atividades de lazer, além de modificar alguns padrões de comportamento (PINSKY, 2010), afinal, novos locais de diversão apareceram, e embora possam ambientar conforto e descontração, requeriam posturas novas e mais adequadas à nova sociedade que se projetava.

Os melhoramentos da infraestrutura da cidade evidenciavam as mudanças em rumo ascendente em que esta se encontrava, ao passo que demarcava espaços de luxo e pobreza. De um lado, o cinema, os bailes e os desfiles das misses. De outro, a exclusão de pessoas que ficavam à margem desse desenvolvimento, nos bairros periféricos, vivenciando as cheias provocadas pelas chuvas e o estigma da prostituição.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a leitura de jornais fortalecia a ideia de uma cidade moderna e nova. Podemos destacar diversos periódicos que circulavam nas décadas de 1940 e 1950, recorte de nosso trabalho, em Parnaíba, tais como *Gazeta do Piauí*, *O Norte* e o *Almanaque da Parnaíba*. Esses impressos foram responsáveis por retratar uma cidade embelezada, e apesar de vez ou outra comentarem a respeito dos problemas citadinos, muitas vezes acabavam silenciando os bairros afetados pelas enchentes.

Nesse artigo, analisaremos o *Almanaque da Parnaíba*. Podemos afirmar que, para além de inúmeras regras de etiqueta e civilidade, o anuário demonstrava grande preocupação quanto às relações familiares, o casamento e sua manutenção, pois “é claro que, a despeito da modernização, as relações familiares continuavam a se pautar por um forte moralismo, tanto nas camadas ricas quanto nas mais pobres da sociedade”. (RAGO, 2002, p. 587) Isso acontece porque essa modernização, como demonstrado, estava mais para um projeto complexo que uma cartilha a ser estritamente seguida.

Dessa maneira, a ocupação de espaços de sociabilidades requeria a incorporação de novo vestuário, de novas formas de falar e se comportar. Como apontado, mesmo com a modernização urbana e de costumes, a “dupla moral” àquele momento era elemento fomentador das relações de gênero. De acordo com Pinsky (2010), a dupla moral diz respeito aos modelos de comportamento esperados para as mulheres e para os homens.

Por exemplo, ao se esperar virilidade dos homens, fragilidade e docilidade das mulheres, acaba-se por reforçar modelos comportamentais. Acrescente-se também que se de um lado a traição masculina era algo aceitável, a feminina era completamente condenada, visto que a sexualidade de ambos era vista e tratada de maneiras opostas, e é por isso que se fala em uma moral que é ambígua, “dupla”. A imprensa no período tem muito que ver com esse processo, pois divulgava manuais de comportamento que seguiam essas prescrições.

A presença e a circulação de periódicos são sinalizadores de transformações pelas quais uma cidade passa. Afinal, eram jornais, revistas e anuários que, antes da televisão e do rádio, ficavam responsáveis por registrar acontecimentos corriqueiros e de vivência de uma população, seja ela de uma cidade ou mesmo país, pois os

periódicos registram um período por meio de seus nomes, localidades e corpo editorial. Portanto, “não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias ‘têm uma opinião’, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos”. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, 258) Dentre os editoriais analisados, poucas vezes apareciam reclamações a respeito da má infraestrutura da cidade de Parnaíba. Questiona-se, então, a quem valia a imagem de uma cidade embelezada, aparentemente desenvolvida e o silenciamento dos problemas mais correntes na urbe?

Segundo Luca, autoridade no âmbito da História quanto ao tratamento dos periódicos, estes “justamente por dialogarem com o seu tempo, permitem acompanhar mudanças em temáticas, ênfases e expectativas como se fossem termômetros dos costumes de uma época” (LUCA, 2013, p.450). Na pesquisa aqui apresentada, foi possível observar a mudança de temáticas e expectativas ao longo dos anos do *Almanaque da Parnaíba*. Apesar disso, ainda não é possível informar ao certo o público leitor do impresso, mas suspeitamos, a partir dos textos, propagandas etc., que as pessoas que tinham acesso tinham condição econômica para comprá-lo e quiçá de consumir os produtos amplamente divulgados no anuário.

Analisando a chamada “imprensa feminina”, Luca (2013) percebe que em geral, não somente os jornais, como também as revistas voltadas para o público feminino costumam passar por transformações em suas formas e conteúdo – como a mudança em seus títulos, as alterações em sua produção, que pode até mesmo fazer com que deixem de circular.

Destaque-se que a produção de revistas voltadas para as mulheres nem sempre passou pelo olhar e cuidado dessas. Ademais, devemos considerar que “a revista feminina é um produto cultural que reflete cognições sobre os papéis sociais destinados à mulher, como mãe, esposa, dona de casa e profissional, através de informações sobre alimentação, nutrição, saúde, estética, entre outros” (COSTA; SOARES, 2016, p.1179).

Apesar de não tratarmos nesse trabalho especificamente sobre as revistas femininas, o período que estudamos é cingido pela massificação dessas, e tais considerações são importantes para pensarmos aspectos do *Almanaque da Parnaíba*,

principalmente no que tange a construção de um ideário de modernidade, de uma cidade limpa e bela, e de papéis normativos para homens e mulheres em Parnaíba.

A imprensa permite que detectemos valores, pensamentos, sentimentos e padrões de uma sociedade (LUCA, 2013) e é válido lembrar que a mesma não “não se situa acima do mundo ao falar dele” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.258). O periódico que utilizamos em nossa pesquisa compartilhava com outros impressos os anseios de uma cidade que se desejava moderna, expansiva e diferenciada. Como veremos mais à frente, esses documentos são imprescindíveis para compreendermos referências de comportamento e consumo.

A presença assídua de propagandas pode ser considerada um indicativo de que tais anúncios eram importantes na venda de serviços e produtos, uma vez que apresentava ao público suas qualidades, benefícios e acessibilidade, o que por si só cria sentimentos e valores a respeito do que deveria ser consumido. (COSTA; SOARES, 2016)

O *Almanaque da Parnaíba* e seus “conselhos”

A ideia de produzir o *Almanaque da Parnaíba* foi de Benedito dos Santos Lima,² que, no mês de agosto de 1923, lança a primeira edição do anuário, tendo como um dos principais objetivos noticiar o mundo do comércio no Estado do Piauí, mais especialmente Parnaíba. Os mais variados temas foram abordados em suas páginas já desgastadas pelo tempo. O *Almanaque da Parnaíba* versava sobre política, cultura e educação. Contava com artigos, poemas e crônicas sobre os mais diversos assuntos.

Nesse tópico adentraremos o universo dos discursos produzidos e divulgados no *Almanaque da Parnaíba* quanto às mulheres, homens, a inserção da mulher no mundo do trabalho formal e a construção da feminilidade e masculinidade dentro dos enlances matrimoniais.

Encontramos em *Conselhos*³ dicas direcionadas à mulher casada:

² Benedito dos Santos Lima, também conhecido como Bembem, nasceu no município de São Bernardo – MA. Mudou-se para Parnaíba no ano de 1910. Jornalista e contista era proprietário da mercearia “O Bembem” e agente da Loteria Federal do Brasil, na mesma cidade.

³ Autor não identificado pelo periódico.

- Pede o menor número de vezes possível, dinheiro ao teu marido. Procura viver de acordo com o que ele ganha, gastando até, muito menos do que isso. - Quando discutires com teu marido, deixa-o vencer algumas vezes, mesmo que esteja certa de que ele não está com a razão. - Procura cultivar o teu espírito, para que ele aprecie sempre a tua companhia, e a conversa entre ambos nunca decaia ou se torne monótona. - cuida da tua *toilette*, todas as horas do dia, para que ele nunca te encontre desmazelada ou em desalinho. - tenha sempre uma palavra amável e atenciosa para ele, especialmente quando ele estiver preocupado com negócios. Mas seja oportuna e não imprudente. (*Almanaque da Parnaíba*, 1940, p.103)

Aqui se encontra um papel específico de mulher. Ao que parece, a publicação ignora a labuta diária das mulheres trabalhadoras. Mulheres que davam aula ou que trabalhavam nos mercados. Mulheres que auxiliavam no sustento do lar, muito embora teoricamente esse sustento devesse partir do chefe da família. Pedir o menor número de vezes dinheiro ao marido suscita a imagem de uma mulher que não trabalha fora de casa e depende das "economias" de seu marido para manter o lar em ordem. Ser econômica, nesse sentido, significaria se enquadrar no papel de uma mulher controlada, que não gasta com "frivolidades". Deixar o marido vencer nas discussões também faria parte deste processo.

Cultivar o espírito para que o esposo sempre aprecie a companhia era outro desafio desse extenso manual de como agradar o seu cônjuge. Cuidar da roupa, mantê-la alinhada e por fim, ter uma boa palavra, amistosa e afetuosa para sanar as dores do esposo completaria o pacote. Se ele estivesse preocupado com os negócios, demonstrar-se-ia ser uma mulher oportuna que respeitava o espaço masculino. Isso porque as mulheres eram consideradas as maiores "responsáveis pela preservação da família e da moral cristã, possuidoras de atributos de pureza, bondade e submissão e exaltadas como generosas e meigas, em cujas mãos repousavam o futuro da Pátria e da família". (ALMEIDA, 2013, p.188)

Esse papel atribuído ao gênero feminino pautado em atributos de fraqueza, instabilidade emocional e de ínfima inteligibilidade, "referendava e preservava os estereótipos da feminilidade e excluía as mulheres dos espaços de protagonismo social ao valorizar apenas seu papel no interior dos lares e no desempenho da maternidade". (ALMEIDA, 2013, p.188)

Ainda na edição de 1940, encontramos o texto "*A Mulher*", onde esta vai sendo definida em complementaridade ao homem, na medida em que o serve como paz de espírito, embora, por outro lado, possa ser também a grande causa das maiores dores de cabeça masculinas:

A MULHER, que foi a perdição para o pai Adão, para Sansão a morte e para Salomão uma vingança, é para o médico um laboratório, para o juiz uma ré, para o pintor um modelo, para o poeta uma inspiração, para o militar uma camarada, para o padre uma tentação, para o doente uma enfermeira, para o são uma enfermidade, para o republicano uma cidadã, para o romântico um huri, para o versátil um brinquedo, para o bandido uma vítima, para o gastrônomo uma cozinheira, para o menino um consolo, para o namorado um desejo, para o noivo uma esperança, para o marido uma carga, para o viúvo um descanso, para o velho um desengano, para o rico uma ameaça, para o pobre um flagelo, para o jovem um pesadelo, para o homem um estorvo, para o diabo um agente, para o mundo uma força, e para o tipógrafo uma página... (*Almanaque da Parnaíba*, 1940).

Desse texto, podemos fazer algumas considerações a respeito das representações acerca do gênero feminino, que nos remetem ao trabalho de Michelle Perrot (2001) na obra *Os excluídos da História*, quando do tratamento que a historiadora dá à questão das representações femininas nos mais variados discursos. Guardadas as proporções de tempo e espaço, o trabalho referencial dessa pesquisadora nos ajuda no sentido de que Perrot analisa esses modelos de "mulher" na França do século XIX e percebe que a ideia estava centrada em características que a colocava enquanto um sujeito abstrato, destituindo mulheres reais de si mesmas, uma vez que as imagens de fragilidade, por exemplo, nada tinham que ver com as mulheres pobres e trabalhadoras daquele período.

Assim, o texto *A Mulher* tem como pano de fundo essa compreensão de que a mulher é um sujeito "abstrato", que, de um lado, é a causadora das piores situações na vida de um homem e por outro, é a maior graça e benção, mas somente quando se comporta da forma "certa": obediente e dócil. Nessas representações sobre as mulheres "havia um forte sentido edificado sobre um discurso ambíguo que ora as elevava como preservadoras da raça, ora condenava qualquer ideia de sexualidade, necessária para essa mesma reprodução da espécie". (ALMEIDA, 2013, p.188)

A escapatória para as vicissitudes da vida mundana para a mulher seria abrigar-se sobre o manto da religião, encontrando no casamento a sua verdadeira salvação. Portanto, fugir das efemeridades oferecidas pelos vícios do mundo deveria ser algo feito a partir do firme propósito do casamento e da maternidade, pois:

O lar era o altar sagrado no qual estavam depositadas sua esperança e felicidade. O casamento e a maternidade deveriam ser o ápice de seus melhores e maiores sonhos de realização pessoal. Por esse motivo, eram as indicadas para serem as primeiras educadoras da infância, em cujo fundamento se estruturavam o alicerce da família e o futuro da Pátria. (ALMEIDA, 2013, p.188)

A despeito desse pensamento conservador e normativo, podemos destacar o fato de que na década de 1940, as mulheres disputavam espaços de trabalho com os homens. Isso não passou despercebido pela imprensa. Encontramos duas situações específicas a respeito disso. A primeira trata da visão de um homem acerca da presença feminina em trabalhos formais. Na segunda, uma mulher fala sobre a mesma questão.

No texto intitulado *Emprego e sexo* (*Almanaque da Parnaíba*, 1940, p. 79), assinado por Agamenon Magalhães, Interventor do estado de Pernambuco naquele período, encontra-se uma breve análise dessa figura com relação à presença feminina em postos de trabalho antes ocupados por homens. Afirma que nas repartições públicas, nos escritórios, nos bancos, no comércio e nas fábricas, ou seja, em toda parte, a presença feminina se encontrava cada vez maior.

Acrescenta que talvez isso acabasse se caracterizando como uma espécie de novo matriarcado, tendo como marca principal a educação da mulher na luta pela vida, luta essa que:

(...) lhe dá independência econômica diante do outro sexo. Independência econômica que vai formando outra personalidade. Há profissões das quais a mulher expulsou o homem. A de datilografa e a de stenografa [sic], por exemplo, já foram totalmente ocupadas pelas mulheres. Não sei se esse fato está concorrendo aqui e alhures para o celibato ou para as restrições da natalidade. Não sei também se ele é uma das causas sociais do desemprego, que tanto aflige o outro sexo. Observa-se, entretanto, em outros países, certa reação da parte do Estado e não dos homens, que deviam acompanhar as especializações que a técnica vem criando todos os dias, e não temer a concorrência [sic] feminina (*Almanaque da Parnaíba*, 1940, p. 79).

No parágrafo acima, observa que as mulheres estavam formando uma personalidade diferente, pois os homens haviam sido expulsos de muitas profissões para que essas se firmassem nesses espaços. O autor ainda afirma que não saberia ao certo se essa seria uma das causas para o aumento do celibato ou as possíveis restrições da natalidade, ou mesmo se fosse essa a causa predominante para que o outro sexo se visse em maus lençóis, sendo atingido pelo desemprego.

O Interventor continua o texto contando que acabara de ter acesso a um decreto-lei regulamentado na Itália que autorizava a presença de mulheres em repartições e empresas particulares, logo após comenta sobre o Brasil:

Acabo de ler, na integra, o decreto-lei do governo da Itália, regulamentando a admissão do pessoal feminino nas repartições e empresas particulares. O acesso das mulheres ao emprego é limitado à proporção máxima de dez por cento sobre o número dos cargos. No Brasil, como a fortuna do pobre é filho, o emprego do pessoal feminino é uma forma de melhorar as condições econômicas da família (*Almanaque da Parnaíba*, 1940, p. 79).

A partir da leitura desse artigo de opinião de um homem público, observamos que Magalhães não deixa de notar a importância dessas transformações no mundo do trabalho e nos papéis assumidos pelas mulheres. Assim, o interventor reconhece a importância do trabalho feminino de forma a complementar o trabalho masculino, visto que, considerando as condições materiais de parte da população, o fato de ter vários filhos e esses poderem trabalhar, inclusive as meninas/mulheres, seria uma maneira de prover o sustento dos lares brasileiros: “no Brasil, como a fortuna do pobre é filho, o emprego do pessoal feminino é uma forma de melhorar as condições econômicas da família” (*Almanaque da Parnaíba*, 1940, p.79).

Quanto a isso, Magalhães não se opõe aos novos papéis que parecem surgir para as mulheres pobres, o que de certa forma, nos leva a compreender que, “se, porventura, houvesse alguma ideia de trabalho por parte das mulheres, este somente seria lícito se significasse cuidar de alguém, doar-se com nobreza, resignação e servir com submissão”. (ALMEIDA, 2013, p. 189)

Por fim, o interventor deixa evidente em sua fala que o trabalho, para as mulheres pobres, serviria como importante auxílio na manutenção das despesas familiares. Esse recorte de classe e gênero é evidente quando, de um lado, as

mulheres de famílias mais abastadas poderiam desfrutar de certos “privilégios” frente aos cuidados com o lar e os filhos, enquanto as mais pobres, que no geral, lavavam, passavam e costuravam para outras mulheres, não.

Na mesma edição do *Almanaque da Parnaíba*, o texto *Os direitos da mulher* chama bastante atenção por seu teor de fato, de defesa às mulheres e sua atuação no espaço público. Assinado por Alda Cunha,⁴ o emprego feminino é colocado como essencial para a emancipação feminina e da própria sociedade. A autora afirma com veemência que a exclusão das mulheres na sociedade e sua inferioridade são construções históricas, pois por muito as mulheres foram proibidas de estudar e se dedicar a trabalhos fora do espaço doméstico, visto que “não estava prevista a concorrência com os homens em termos profissionais e intelectuais”. (ALMEIDA, 2013, p.189)

Certamente, uma mulher escrever um texto desse porte, com distinta crítica à sociedade na qual ela estava inserida denota uma consciência quanto às questões sociais, e a publicação disso na imprensa acaba por nos apresentar uma mulher de classe social mais elevada a ponto de lhe permitir tal liberdade e posicionamento.

É interessante observar as aproximações do pensamento de Magalhães e Cunha. Apesar de a escritora afirmar com maior veemência a necessidade do trabalho feminino, Magalhães também faz uma defesa, mesmo que mais tímida. O interventor reconhece a tomada dos postos de trabalho pelas mulheres e afirma que, em um país como o Brasil, isso não representaria um problema, visto que incrementaria no orçamento familiar, melhorando as condições econômicas.

A nível local, Cunha era uma das poucas mulheres a escrever na imprensa em Parnaíba. Contudo, não era a única a publicar algo nesse sentido na imprensa brasileira no ano de 1940. Em São Paulo, a revista *O Estudante* publicou inúmeras crônicas de Liloça Amaral, mulher empenhada em debater as questões circundantes do universo feminino:

Nas crônicas tratou de assuntos variados, como o mal causado pela futilidade feminina, alguns péssimos hábitos de mulheres de elite e a mulher nos velhos tempos. Porém, também abordou questões como

⁴ Alda Cunha era cronista, poeta e bacharela em Direito. Uma das poucas mulheres a publicar seus textos ao longo de toda a existência do *Almanaque da Parnaíba*.

educação e instrução para o sexo feminino e sua inserção no campo profissional, principalmente num período em que os espaços ocupados pelos homens estavam vazios, com a população masculina envolvida com a guerra. (ALMEIDA, 2013, p.195)

Percebemos que a imprensa acaba sendo um espaço de embate, de tensões e “fissuras” no pensamento intelectual masculino predominante. Afinal, homens eram os principais sujeitos a publicarem seus pensamentos. A presença feminina, mesmo que tímida, por vezes confrontava a estrutura patriarcal há muito enraizada.

A defesa do espaço feminino feito por mulheres em um veículo de informação como o *Almanaque da Parnaíba* prenuncia as discussões ocorridas na segunda metade do século XX: os embates entre as pessoas de pensamento conservador e as de pensamentos tidos como liberais, relacionados com novas perspectivas de mundo, que requeriam novos papéis femininos. (MALUF; MOTT, 1998) Em resumo, a defesa da permanência da mulher dentro do lar, como mãe e cuidadora, batia de frente com as novas configurações de mulher, ou seja, papéis femininos que não se reduziam exclusivamente ao de “rainha do lar”.

Encontramos algumas frases dispersas presentes na edição de 1940 que chamaram nossa atenção, pois denunciam o esperado para as mulheres casadas, além de tratar do casamento em tom anedótico, tratando-o como uma prisão para os cônjuges. Uma delas: “O matrimônio é uma cadeia, que pode ser de flores, mas ainda assim, é cadeia. Se teu marido é bom, imita-o e se não o é, faze com que elle te imite, sendo tu boa”. (*Almanaque da Parnaíba*, 1940)

Neste fragmento, conseguimos, pelo olhar atento do próprio ofício do historiador, perceber as relações de gênero, mesmo que essas possam não parecer tão explícitas. O ideal da boa esposa se encontra na segunda frase, que dá como dica o comportamento adequado e benfazejo da mulher, a fim de que esse possa refletir na personalidade do homem, no papel de marido.

O casamento, embora considerado cadeia, prisão na qual marido e esposa se encontram quando do firmamento do laço conjugal é mantido a partir do esforço e mérito intrínsecos à natureza feminina, sendo partes constituintes também o esmero, a compreensão desmedida e o recato. O marido, quando não for um “bom” homem, deverá ser remodelado pela doçura de sua esposa, tornando-se bom.

Ainda sobre o matrimônio, outro texto, assinado por Felon Silva e intitulado *Variações sobre o casamento (Almanaque da Parnaíba, 1941, p. 161)*, trata sobre esse sacramento enquanto ferramenta na efetivação dos desígnios de Deus, sendo ainda a base da família e cumpridor da perpetuação da espécie. O autor afirma que, para o sucesso do casamento, alguns itens são necessários, como o respeito entre os cônjuges, o pão cotidiano e a preponderância da autoridade do homem sobre a mulher, para que haja a harmonia plena dentro do lar.

De forma a legitimar seu argumento, Felon cita: “Conduze-te de maneira que tua mulher nunca deixe de te admirar e de te respeitar. Não há felicidade no casamento quando a mulher não reconhece a superioridade de seu marido. – Palavras de Júlio Dantas” (*Almanaque da Parnaíba, 1941, p. 161*). Assim, as mulheres “deveriam aproximar-se do modelo arquetípico reverenciado pela Igreja Católica, a mulher-mãe-virgem isenta dos pecados da conjunção carnal”. (ALMEIDA, 2013, p.188)

Essa superioridade do marido sobre a mulher – vale lembrar, era assegurada pela própria lei. O Código Civil de 1916 garantia a divisão de papéis por meio da jurisdição. Aqui, a mulher não era considerada sujeito senão a partir da figura de seu marido, que era considerado seu tutor. Antes, ela ficava sob as ordens do pai, do irmão mais velho ou quaisquer homens da família.

O Art. 240 do Código Civil estabelecia que no matrimônio, a mulher assumia com os apelidos de seu marido “a condição de sua companheira, consorte e auxiliar nos encargos da família” (BRASIL, 1916). Na prática, ficava estabelecida a tutela do homem sobre a mulher, visto que cabia ao marido desempenhar o papel de chefe do lar, “bem como a responsabilidade pública da família, além de caber a ele a completa manutenção dos seus, e a administração e o usufruto de todos os bens, inclusive dos que tivessem sido trazidos pela esposa no contrato de casamento”. (MALUF; MOTT, 1998, p. 375)

Em poema que carrega o título *Relembrando (Almanaque da Parnaíba, 1942, p. 37)*, de R. Petit encontram-se revelados os costumes de uma sociedade que tinha o namoro como primeiro passo para o casamento, bem como o ritual de namorar no terraço ou varanda, com a tutela dos pais, ali sempre presentes a fim de evitar comportamentos mais ousados, principalmente das mocinhas:

Dona Rita encontra o Meira
 Na varanda a namorar,
 E diz: - Meu filho, é besteira
 O *home* de hoje se casar!
 - Mamãe não fez esta loucura?
 - Fiz, mas se deve notar
 Que me casei com o Teixeira
 Noutro tempo e outro lugar.
 Noivado era um sacramento,
 Os noivos passavam baixo,
 Até vir o casamento.
 Os de hoje! Veja a Rosinha:
 Namora e beija *home macho*
 Na porta da camarinha!
 (*Almanaque da Parnaíba*, 1942, p. 37)

Mais uma vez, encontramos falas de cunho normativo. O poema parece buscar normatizar o que é apropriado nas relações amorosas, como o namoro e o casamento. Além do mais, a fala de Dona Rita nos versos soa como uma ironia a respeito do fato de Meira querer namorar (partindo do pressuposto que o namoro levaria ao matrimônio), uma vez que no seu tempo o ritual do noivado era tido como um sacramento. Para legitimar seu argumento, a mulher cita Rosinha, que namora homem na porta da camarinha (quarto).

É possível que o fato de a mãe, utilizando o argumento acima analisado, ter como preocupação o casamento do filho pode indicar um sinal das mudanças quanto ao olhar que a sociedade dirigia ao casamento. No sentido de que, para os homens, já não seria um negócio vantajoso, uma vez que as mulheres já não eram as mesmas desde o começo do século, passando por diversas transformações provenientes da cultura e moda estrangeiras, além da inserção no mercado de trabalho formal.

Dentre as muitas possibilidades, ser homem, nesse contexto, poderia significar também ter uma identidade de gênero pautada na agressividade e rigidez no modo de falar e até em expressar seus sentimentos e, nesse caso, pouco expressá-los. Esse sujeito, ativo, dono de si e de “sua mulher”, deveria saber manejá-la da mesma forma que faria com algum instrumento musical, como é afirmado no seguinte poema:

Cromos
 A esposa do Chico Bento
 É o diabo de malcriada!
 Mas diz o Néu que há um invento
 Para essas *muié* danada

Muié é cumo instrumento
 Precisa *sê* afinada
 Quase a todos os momentos,
Pra dá certo nas toada.
 Mas *prá* isto *tê* valo
 Precisa que o *cantado*
 Seja um cabra desses bom.
 Pois toda corda ensebada
 Quanto mais é esticada
 Mais a vida dá som.
 R. Petit. (*Almanaque da Parnaíba*, 1945, p. 21)

Assim, tal qual um instrumento, a mulher, para dar som, deve ser bem esticada, ou seja, dominada. Da mesma maneira que o homem deve saber como ser homem, deve a mulher saber ser mulher. Ao homem, ser um “cabra desses bom”, como afirma o poema, significaria ser “macho’, destemido, ativo e forte.

Na construção desse ideário masculino, podemos citar o trabalho de Albuquerque Júnior (2013), que, ao tratar das masculinidades no Nordeste entre os anos de 1920 e 1940, afirma que o sertanejo representa o protótipo perfeito na construção do nordestino e que este, por sua vez, seria “um homem sóbrio, enxuto de carnes, desconfiado e supersticioso”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.187) Concordamos com o pesquisador quando conclui que devemos desconstruir as falas e representações que inventam o falo como um dos significantes das identidades masculinas, pois é sobretudo isto que permite a própria hierarquia de gênero. Além disso, a própria ideia naturalizada de que os homens são viris e possuem determinado papel, assim como as mulheres nascem frágeis e prontas para serem mães.

Podemos constatar essa evidência em *Aprendendo a ser mãe (Almanaque da Parnaíba, 1945)*, pequena crônica assinada por Leão do Norte que narra a visita de um homem à casa de uma amiga sua. Chegando lá, sua atenção é capturada pela menina que brincava com suas bonecas. A mãe da garota tendo visto o interesse, o questiona e ele afirma que achou interessante o modo especial como a criança manejava tais instrumentos.

A mãe rebate dizendo que tem “tomado o compromisso de ensiná-la a brincar; porque esse brinquedo não é somente entretenimento; ao mesmo tempo que ela brinca, está aprendendo a ser mãe” (*Almanaque da Parnaíba, 1945*). O

personagem ri da explicação que a senhora dá e então, ela começa a explicar as razões desses ensinamentos e explica:

Para provar-lhe como ela cuida de suas bonecas com um verdadeiro amor materno, vou contar-lhe como há pouco dias, um bebê largando um braço, a criança *despregou-se* em choro, na suposição de que o bebe estava sofrendo; tive então que explicar-lhe que a boneca nada sofria e que iria mandar ao concerto (*Almanaque da Parnaíba*, 1945, p.261).

A mãe continua a história, falando que a filha quis assistir o processo inteiro, com cuidado e interesse de uma "mãe assistindo ao curativo de um filho" (*Almanaque da Parnaíba*, 1945, p. 261). Seria nesse momento, a partir dessa prática que a criança receberia a instrução real de como se tornar boa mãe. Não bastaria deixar a criança com suas bonecas; é necessário ensiná-las a brincarem, dando atenção, cuidando das roupinhas e da alimentação das bonecas. Isso faria com que o amor materno, tido como natural de toda mulher, surgisse.

Por fim, a última explicação surge para confirmar o pensamento da mulher e mãe, que explica ao personagem:

É bem certo que toda mulher tem instinto de mãe; mas temos visto tantas mães desnaturadas que chegamos a pensar que essa teoria falha; mas é que o sentimento materno nela existente não foi educado no verdadeiro amor maternal; por isso, podemos afirmar que o instinto despertado e aprimorado desde a primeira infância perdurará por toda a vida. (*Almanaque da Parnaíba*, 1945, p. 261)

Assim, estaria provado que a educação deveria, sumariamente, ser iniciada ainda no berço, quiçá mesmo no ventre da mãe, segundo o autor do texto. Com essa compreensão, estaria mais do que provado que o brincar de boneca seria a parte prática de aprender a ser mãe.

Em *Mãe, conceitos diversos* (*Almanaque da Parnaíba*, 1953, p. 241), várias frases que seriam a expressão do "ser mãe" dizem que seria a mãe, a mais bela obra de Deus e que o futuro de um filho é sempre a obra dos cuidados maternos e que "a mulher mãe é a mulher completa. A mulher jovem, bela, rica, invejada por todas as mulheres e desejada por todos os homens, rainha do mundo e dos corações, não é nem pode ser feliz, se nela não palpita a maternidade".

Para coroar os conceitos diversos de toda mãe, a seguinte frase proclama: “a grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser telegrafista, ser boticária, ser jornalista, ou ser doutora: é ser mãe e ser esposa”. (*Almanaque da Parnaíba*, 1953, p. 241) Assim, o papel feminino estaria bem demarcado em dois sujeitos, a mãe, que a todos serve como base e a esposa, que vive em prol de seus filhos e marido.

Conselhos úteis (*Almanaque da Parnaíba*, 1947, p. 402) aparece para as mulheres que logo cedo foram incentivadas no cumprimento desse papel. Endereçado para as mulheres mães e donas-de-casa, as dicas domésticas prometem melhor zelo com os afazeres do lar e explica que “para que as garrafas térmicas não adquiram um odor desagradável, é convincente, deixá-las destampadas durante o tempo em que estão vazias”.

Copiado de outro periódico, ensina sobre um cuidado que contrasta com o clima local, a saber, cuidar das roupas de lã, o modo como lavá-las, como cuidar de peças de vestuário específicas, como as saias franzidas. Os “conselhos úteis” também tratam de prescindir quanto às manchas de café que parecem invencíveis, bastando, para vencê-las, dissolver “um pouco de água de bórax em água quente” e esfregar “sobre o local manchado, sem empregar força exagerada, e, verá, em seguida, os bons resultados obtidos”.

É perceptível, portanto, que o *Almanaque da Parnaíba* detinha uma ideia bem definida dos papéis que deveriam ser desempenhados por homens e mulheres. Em um contexto onde, sobretudo, homens podiam escrever no anuário, pode-se questionar: a quem essas publicações poderiam interessar?

As pesquisas em torno da construção de papéis de gênero tem demonstrado que as configurações de homem e mulher mudam no tempo. O que significa afirmar que homens não nascem fortes, destemidos e viris. Tampouco nascem as mulheres seres frágeis, dóceis e que possuem como maior instinto natural a maternidade.

Os modelos de comportamento aqui analisados mostram como um vetor de informação, nesse caso a imprensa, pode colaborar (e colabora) com a construção de papéis normativos, ou seja, de um modelo ideal de mulher e homem a ser seguido. Assim, a menina ao brincar de boneca estaria aprendendo na tenra idade a ser mãe.

Logo, brincar de boneca é associado como “coisa de mulher”, universo que deve ser rejeitado pelos garotos.

A oposição binária entre homens e mulheres deve ser rejeitada, pois não se deve acreditar que ao longo da história esses sujeitos tenham seguido sempre esses papéis: homem ativo, mulher passiva, e está aí a importância de trabalhos que desnaturalizem esses discursos e historicizem essa construção de subjetividades (SOIHET, 1998).

Considerações finais

Neste artigo discutiu-se a respeito dos sentidos de modernidade, das vicissitudes que permeiam as hierarquias sociais advindas desse processo, e conseqüentemente, as desigualdades que são criadas a partir do desenvolvimento econômico de um país. Não é segredo que enquanto determinados centros se urbanizavam a partir de melhoramentos da infraestrutura, espaços de marginalização se erguiam.

O objetivo principal do trabalho foi de analisar representações de gênero a partir de um impresso da cidade de Parnaíba num contexto de mudanças profundas em âmbito regional e nacional. A imprensa local retratou o embelezamento da urbe, ao mesmo tempo em que discursava sobre regras de etiqueta, demonstrando que os enlances matrimoniais e relações familiares se pautavam ainda em valores morais que hierarquizavam as relações homem-mulher.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a leitura desse periódico fortalecia a ideia de uma cidade moderna e nova, retratando uma Parnaíba bela e higienizada, onde mulheres e homens deveriam saber como se portar em ambientes como os cinemas, as praças e o teatro. Destacamos que não se tratava de “qualsquer” sujeitos, pois não se falava a respeito de indivíduos pobres, mas sim de mulheres e homens com certa projeção social.

Mesmo com os debates acerca da saída da mulher do espaço privado para o público, percebemos que como um enorme vetor de informação e propaganda, o *Almanaque da Parnaíba* tinha grande preocupação com a manutenção do casamento, abordando não somente o papel da mulher, mas também acerca do papel masculino para a construção e preservação do matrimônio. O anuário é repleto

de representações do que era considerado ser *homem e mulher*, e também abordava a influência feminina no mundo masculino e as relações matrimoniais.

Mapeamos no periódico, dentro de nosso recorte temporal, poemas e textos que tratavam sobre os papéis de gênero, ou seja, que se dirigiam ao público feminino e masculino de forma a ditar comportamentos ideais. Esses discursos, como se pôde perceber, foram componentes muito importantes na elaboração de imagens normativas quanto aos papéis designados para mulheres e homens. Esse trabalho de normatização começa logo cedo, nos primeiros passos, por meio do incentivo da família, da educação, da escola e da Igreja.

Foi possível perceber diferentes configurações tanto do universo feminino, quanto masculino. É importante ressaltar que a imprensa possui um público-alvo, que no geral pode financiar ou incentivar suas produções. Por fim, concluímos que as disputas em torno do ser homem e ser mulher ganham espaço nesse meio. Desconstruir essas imagens é função não só dada, como obrigatória para historiadores e historiadoras empenhados em desnaturalizar desigualdades.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: a invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Jane Soares de. **As gentis patricias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920 – 1940)**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 187-205, abr./jun. 2013. Editora UFPR.

BRASIL. **LEI Nº 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916**. Código Civil de 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm. Acesso em: 26.11.2020.

COSTA, Mariana Fernandes; SOARES, Jorge Coelho. **Mulheres em revista: representação social no imaginário social**. Demetra;11(supl.1); 1171-1184, 2016.

CRUZ, Heloisa; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, nº 35, p. 253-270, dez. 2007.

LUCAS, T. R. de; MARTINS, A. L. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1. 303p.

LUCA, Tania Regina. **Mulher em revista**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. História da vida privada o Brasil, vol.3. Coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. **Uma História das Beiras ou nas Beiras: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940-1960)**. 2ª. ed. PARNAIBA: Sieart, 2017. v. 500. 159p.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres nos anos dourados**. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p.607-637.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 607-639.

SEVCENKO, Nicolau. **Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. *História da vida privada o Brasil*, vol.3. Coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevckenko. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Josenias dos Santos. **Parnaíba e o avesso da Belle Époque: cotidiano e pobreza (1930 -1950)**. Dissertação. (Mestrado). Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas de Letras. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Mestrado em História do Brasil. Teresina – PI, 2012.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres e História de Gênero**. *Cadernos Pagu*, pp. 77 – 87, 1998.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. **Por dentro da história: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950)**. Assis-SP: UNESP, 2015.

Almanaque da Parnaíba

Almanaque da Parnaíba, 1940.

Almanaque da Parnaíba, 1941.

Almanaque da Parnaíba, 1942.

Almanaque da Parnaíba, 1945.

Almanaque da Parnaíba, 1947.

Almanaque da Parnaíba, 1953.

Recebido em: 24/05/2020

Aprovado em: 21/06/2020